

O guarani

José de Alencar



adaptação de Edy Lima
ilustrações de Ricardo Costa



editora scipione

Sumário



O encontro	5
Os rivais	8
A casa-fortaleza	11
A prece	14
Presentes para Ceci	16
A bala perdida	19
Amores desencontrados	23
Ainda os amores	26
Preparando-se para a luta	29
A conspiração	32
O motim	35
A casa sitiada	39
Derrota e fuga	42
A tempestade	45
Quem foi José de Alencar?	48
Quem é Edy Lima?	48
Quem é Ricardo Costa?	48



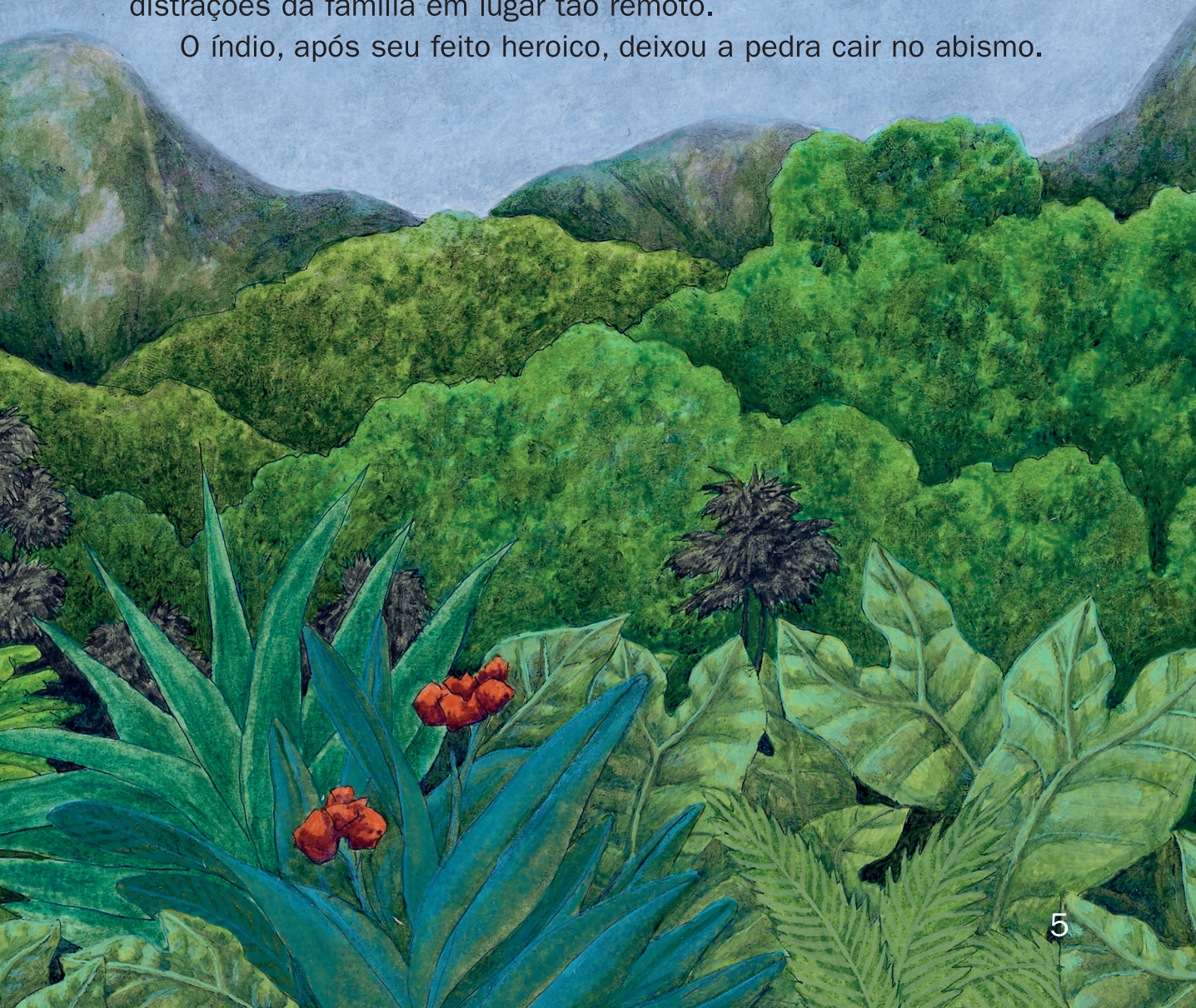
O encontro

– Cuidado!

O grito cortou o ar, e o índio, saindo do meio das árvores, segurou a pedra que despencava do penhasco, no lugar exato em que estava Cecília. A moça correu para onde a família fazia um piquenique e se refugiou junto ao pai.

O fidalgo D. Antônio de Mariz, sua esposa D. Lauriana, a filha Cecília e a sobrinha Isabel viviam ali perto em um solar cercado por muralhas. Naquela tarde de verão tinham vindo passear nos beirais da serra, como faziam de vez em quando e que era uma das poucas distrações da família em lugar tão remoto.

O índio, após seu feito heroico, deixou a pedra cair no abismo.



Era o fim do século dezessete, na serra dos Órgãos, época em que os brancos tentavam penetrar no interior da terra em busca de riquezas.

D. Antônio de Mariz, alguns anos atrás, construíra às margens do rio Paquequer uma verdadeira fortaleza, de difícil acesso, que servia de moradia e ponto de partida de entradas para o interior. Ao contrário de outros desbravadores, não pretendia voltar a viver na cidade, embora mantivesse contato, através de caravanas, com o Rio de Janeiro, onde comerciava ouro e pedras preciosas e se abastecia de tecidos, alimentos, bebidas finas, armas e munição. Sentia-se senhor de seu território e não desejava nada além disso.

Sabia um pouco de guarani para se comunicar com os indígenas, que na maioria das vezes também conheciam alguns rudimentos de português, o que bastava para o contato entre ambos os povos.

Emocionado com a coragem e destreza do índio, que acabava de salvar a vida de sua filha, adiantou-se em sua direção agradecendo:

– Sou teu devedor, acabas de devolver a vida à minha filha, e não sei como retribuir.

– Nada a retribuir.

– Sou D. Antônio de Mariz, dono daquele solar e comandante de muitos homens.

– Eu sou Peri, guarani, da nação Goitacaz, filho de Ararê e primeiro entre os seus.

D. Antônio continuou:

– Fico orgulhoso em conhecer-te e apresento minha esposa Lauriana, minha filha Cecília e minha sobrinha Isabel.

Cecília sorriu para Peri e acrescentou:

– Salvaste minha vida, e nunca poderei pagar-te essa dívida.

– Não deves nada a Peri.


– Pelo menos aceita minha amizade.

– Peri aceita a amizade de Ceci.

Foi assim que Peri passou a chamá-la desde aquele instante: Ceci.

D. Antônio acrescentou:

– Peri é nosso convidado para vir até nossa casa e nos dar o prazer de sua companhia.



D. Lauriana sentia-se grata ao índio por ter salvo a vida de sua filha, mas não conseguia entender que a dívida de gratidão os tornasse iguais e amigos. Isabel, entretanto, com sangue indígena por parte de mãe, percebeu a atração de alguém de sua raça pela prima. Talvez tenha sido a única a notar que o índio estava enamorado.

O guerreiro goitacaz aceitou o convite.

